

A Criação de Identidades Virtuais através das Linguagens Digitais¹

Arthur Meucci²

Universidade de São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Espaço Ética

Artur Matuck³

Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo trata do processo de construção identitária na internet - no que se convencionou chamar de *ciberespaço*. Tomamos como objeto os recursos textuais e estéticos utilizados na divulgação destas identidades virtuais, empregados em *blogs*, *fotologs* e em comunidades virtuais como o *Orkut*. Na emergência deste ciberespaço estudamos como indivíduos se auto-definem, bem como os processos de alo-definição.

Palavras Chave: *identidade – estética – definição – linguagens digitais*

A construção identitária de qualquer indivíduo, ao longo da sua trajetória, decorre de todas suas ações. Estas, quando observadas, convertem-se em mensagens, que o definem perante os demais. Aplica-se, a este ininterrupto processo, sobretudo em certas áreas de conhecimento como a filosofia moral e o direito penal, o conceito de honra. Imagem pública. Representação construída pelo outro. Digna de proteção na vida social. Objeto de proteção jurídica. Depois da vida, o maior bem que uma pessoa poderia defender, como já sustentava Hobbes (1979), no século XVII.

Os homens, com maior ou menor consciência disso, preocupam-se em manter ou construir certa imagem. Formar, nos outros, uma representação de si. Afinal, desde os aportes da fenomenologia, desconsidera-se a possibilidade de qualquer conhecimento – o que inclui o de um outro ser humano ou de si mesmo - de uma *coisa-em-si*. Daí a necessidade de uma identidade mediadora. Que nos permita comunicar quem somos. Que garanta a ilusão de um ser imutável e conhecível.

Ante a transformação - composto impermanente num oceano de impermanência - a identidade, para garantir minimamente a ilusão do *eu*, deve resistir, permanecer - ou pelo menos parecer permanecer - para si e para o *outro*.
(BARROS FILHO & LOPES, 2003: 92)

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom,

² Mestrando em Filosofia pela USP, Pesquisador-assistente do Núcleo de Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, Pesquisador do Espaço Ética (meucci@usp.br)

³ Professor e Pesquisador do Programa InterUnidades do MAC, e do programa de Ciências da Comunicação da USP (arturmatuck@terra.com.br)

Tomamos por identidade um conceito. Este diz respeito a uma certa imagem que um indivíduo tem de si, bem como a que o outro faz dele. O processo pelo qual os outros reconhecem as singularidades de uma pessoa. Traços distintivos objetivados em características físicas, emocionais, intelectuais, grupais e comunitárias. Para a pessoa, um suposto *eu*. Uma ilusória unidade conceitual⁴.

Dentro desta perspectiva definimos identidade como um processo de apresentação e atribuição de qualidades a um sujeito, segundo sua cultura, atitudes, aparência, e também da expressão de seus valores. Essas qualidades, sem nunca possuírem uma correlação absoluta, uma unidade, possuem semelhanças entre si. Somente protótipos socialmente definidos. Algo que aglutine os diversos fragmentos do que se chama “*eu*”. O *eu* profissional, o *eu* religioso, o *eu* torcedor, o *eu* paterno, e etc.

No decorrer da história, o homem se preocupou em construir esteticamente sua identidade. Roupas, jóias, utensílios, o cuidado com o corpo. Qualquer meio estético pode ser usado para se definir. Nobre, servo, sacerdote, soldado, grego, italiano, árabe, etc., cada uma destas “qualidades” eram retratadas aos demais pelos traços distintivos do corpo e das vestimentas. Objetos artísticos encontrados, de povos ditos primitivos, relatam não só a preocupação religiosa, mas também critérios de união e de distinção social em determinadas tribos (GOMBRICH, 1993). O uso de determinados objetos de arte, principalmente após o renascimento, como jóias e pinturas, denunciavam a tentativa do indivíduo de construir uma imagem de si para os demais. Relatar qualidades que muitas vezes eram difíceis de se constatar, como o grau de instrução, cultura, seu bom gosto, engajamento político, e círculo social de pertencimento (ARGAN, 1995).

Este artigo tem como objeto a estética na construção identitária. Seu foco, os relatos na internet, nos ciberespaços. Analisamos dez perfis de usuários de cada um destes tipos de sites e estudamos como os discursos feitos pelo sujeito que se apresenta, bem como os das pessoas que comentam nestes perfis, associando as imagens vinculadas, formam um corpo estético que possibilita a construção de um sujeito virtual. Tal estudo participa de uma tendência já consolidada de inscrição das reflexões sobre identidade no campo da comunicação.

Desde o surgimento dos meios de comunicação de massa, os mecanismos de construção identitária sofreram novos processos de transformação. A televisão, em

⁴ Estamos aqui fazendo menção as teorias conceituais sobre a *semelhança de família* em Wittgenstein (1958) e de concepção *prototípica* de Eleanor Rosch (OLIVEIRA, 1999).

especial, participou destas significativas mudanças. Os processos de aculturação que a televisão opera geram novas características de comportamento e de identidade.

Em suas pesquisas de recepção da mídia televisiva George Gerbner revelou as severas distorções da realidade que ela impõe. Segundo ele, quanto mais um indivíduo assiste televisão mais ele vê a realidade de maneira deformada (GERBNER, 2002). A televisão, devido à exposição contínua de temas como violência, mortes, e aspectos culturais americanos, acaba criando um universo coletivo de insegurança e de dominação cultural. Alguns pesquisadores relatam que na Inglaterra, país onde a arma de fogo foi proibida, a população manifestou a crença de que o aumento de pessoas mortas por armas de fogo crescia consideravelmente (WOBER, 1978).

Nas mídias digitais, e especialmente no ciberespaço, observamos uma situação diferenciada das demais mídias. Nessas um número maior de indivíduos podem ocupar espaços, potencialmente infinitos, se comparados aos da televisão, jornais, rádios, e outras mídias. Deste modo, para se fazer conhecer e atrair espectadores que se disponham a acessar uma página individual, seu autor recorre a meios de massa, buscando divulgação em revistas, jornais, televisão ou mesmo em outros sites.

Com a internet, os processos de construção identitária vêm ganhando uma nova forma. A rede possibilita, a um número maior de pessoas, a oportunidade de se relatar. Garante maior liberdade de mostrar ou construir a própria identidade. Dispor de um lugar no ciberespaço. Este fenômeno se potencializou com o surgimento dos *blogs*, *fotologs* e das comunidades virtuais como o *Orkut*, *Gazzag*, e outras. O *blog* é uma página web atualizada freqüentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica⁵, com comentários. O *fotolog* é um *blog* de fotos, um diário virtual com imagens⁶. Já as comunidades virtuais, como o *Orkut*, são ferramentas de relacionamento social que conectam pessoas, visando ampliar seus círculos sociais⁷. Estes sites são usados freqüentemente como instâncias de definição de uma identidade virtual. Fenômeno virtual de alguém que geralmente existe no mundo físico.

Estas ferramentas tornam-se, portanto, linguagens digitais que possibilitam a construção de um novo tipo de identidade. Estas instâncias na rede permitem observar a ligação entre padrões estéticos e construção identitária. Nessa, as manifestações pessoais usam cada vez mais imagens. Fixas, panos de fundo, ou animadas como os

⁵ <http://www.blogs.com.br/oqueeblog.php>

⁶ <http://flogbrasil.terra.com.br/contato.php?tipo=4>

⁷ www.orkut.com

GIFs e outros recursos que dão a sensação de animação⁸. Cores, formas, traços, *design*, todas elas constroem corpos virtuais. Expressam a subjetividade das emoções.

Palavras, cores, pinturas, fotos, todos os elementos retratados em *blogs*, *fatologs*, e sites passam a fornecer um tipo de identidade para as pessoas. Não mais o meramente físico, mas, sobretudo o psicológico. O sentimental. Tentam, cada vez mais, retratar ou criar o simulacro mais perfeito possível com a realidade. Desta forma, segundo Goffman, ao se apresentar o indivíduo,

Pede-lhes para acreditar que o personagem que vêm no momento possui os atributos que aparentam possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 2003: 25)

No universo virtual, que se apresenta estilizado, solicita-se aos receptores que não acreditem literalmente em tudo o que está manifestado, e sim que participem de um jogo semiótico de decodificações não literais de uma exibição de conhecimento de códigos grupais. Veremos, assim, num primeiro momento, as tentativas de apresentação de uma identidade virtual (I), e na segunda parte, a participação do *outro* como personagem na construção identitária (II).

(I) Os mecanismos identitários segundo a auto-definição

As construções de personagens virtuais decorrem da impossibilidade de se conhecer todas as pessoas no plano físico, e da disponibilidade de novas formas, estratégias e modelos de intercomunicação. No universo digital não há a relação física com as pessoas que encontramos. Para que haja mútuo conhecimento e uma troca de relações é necessário que as pessoas construam identidades virtuais.

Apesar de ser motivo de muitas críticas, a construção de personagens virtuais, que dariam aporte a pessoas reais, é defendida pelos especialistas no assunto. O principal nome, o ciber-arquiteto Peter Anders, diz que a construção de identidades reais se baseia na relação destas com o mundo real (ANDERS, 2001). Os homens, sendo coisas-em-si, são *noumenos*, como observou Kant, e por isso não podem ser conhecidas diretamente. O que chegamos a conhecer, segundo Kant, são os fenômenos que partem das coisas (KANT, I., 1987). Estes constroem seus fenômenos. Participam ativamente da construção identitária no mundo físico. Da mesma forma é natural que os homens construam identidades virtuais para existir neste mundo, e no virtual.

⁸ <http://www.infowester.com/imagensnet.php>

... um marco crítico nesta história foi a determinação de Kant (e autores subsequentes) de que nós participamos da criação de nossa realidade - de nossa visão de mundo. Esta inclui a totalidade dos sons, imagens mentais, e os produtos da percepção e cognição. (...) Assim, nós criamos o espaço - nossa visão holística do mundo - para controlar a consciência (ANDERS, 2001: 59)

Entendemos por auto-definição o processo pelo qual o sujeito se define. Esta, no ciberespaço se dá, principalmente, através de dados pessoais, das descrições narrativas, das imagens e fotos que postam, bem como da maneira que organizam seu perfil. Um caso típico é o espaço virtual⁹ de Maria Barros¹⁰.

A página inicial de seu espaço foi estruturada da seguinte forma: No canto esquerdo da tela alguns dos dados básicos que compõe seu perfil, bem com as músicas prediletas. Seus dados: Maria, Professora e contabilista, e mora no Rio de Janeiro. Ainda nos dados há a primeira descrição de caráter identitário, que veremos a seguir. No canto esquerdo da página contém suas músicas predileta. Quase todas canções românticas, em português, falando sobre mulheres apaixonadas (Destaque especial para Marisa Monte, Fafá de Belém, Alcione, Simoni, Biafra, e Bruno & Marrone).

No centro de sua página há o blog. Este ocupa metade da página, o que o torna visualmente, mais importante. Para a dona da página é este tópico o que mais importa. Seus relatos são redigidos de maneira poética. No canto direito da página fica seu álbum de fotos que, segundo a tecnologia do site, altera estas num intervalo de 8 segundos. As fotos mostram os filhos, parentes, amigos, e ela. Estas mostram um cotidiano alegre e calmo. Como pano de fundo Girassóis enfeitam o espaço, como um papel de parede.

Segundo a tendência de outros *blogs*, o que prevalece em seu perfil são seus relatos sentimentais em detrimento dos relatos do cotidiano. Nele encontramos figuras que enfeitam o texto, como bebês, filhotes de cachorro e imagens sensuais envolvendo a boca. Tudo isto compõe a mensagem central da identidade de Maria: Mulher que para os outros é profissional rigorosa, exigente. Trata-se, no entanto, de uma pessoa apaixonada, sensível. À espera de um homem viril. Que lhe faça feliz. Este estilo é coerente com a definição em seu perfil.

Sou quase sempre, silenciosa como uma nuvem... Sou alegre e exageradamente apaixonada por tudo que me dá alegria e prazer...Tenho 2 filhos maravilhosos que eu amo e tbem amo o "Encanto"!

⁹ Espaço virtual é o nome dado pela prestadora de serviço MSN para designar um tipo de página que contém um blog e um álbum de fotos do usuário.

¹⁰ <http://spaces.msn.com/members/silenciosa>

Com tudo isto Maria se torna uma identidade virtual. Uma mulher séria e que possui, no seu íntimo, desejos de jogar a *illusio* do campo feminino. Mostra e reproduz um *amor fatti*¹¹ que remete a dominação masculina na sociedade (BOURDIEU, 1999). Enfim, toda a composição discursiva e de design compõem sua identidade virtual.

Servimo-nos aqui do conceito de representação. É comum o uso equivocado desse conceito, como em estratégias retóricas que se referem à imagem de alguma coisa ou a uma empresa. A representação, em primeiro lugar, é uma condição singular dos sujeitos que percebem o mundo. *Vorstellung* como tratou Schopenhauer (SCHOPENHAUER, 2001). Só eles podem se construir uma representação. De algo que vêm. Esta palavra tem origem etimológica no latim, *repraesentationis*. Significa ser a reprodução de alguma coisa. Uma *reconstrução*, melhor dizendo.

Os estudos sobre recepção, realizados pelo campo da comunicação, provam exaustivamente que os indivíduos reconstróem as mensagens e informações a que são expostos. São sujeitos ativos neste processo (BACCEGA, 1998). Outro sentido para representação é proposto pela tradução de Goffman (2003). Faz referência às chamadas representações teatrais, do indivíduo como um ator social. O termo no idioma original, *presentation* (1990), tem pouco haver com sua tradução literal para o português.

Assim, não seria adequado dizer que o conteúdo de um *blog*, ou de qualquer outro site deste tipo, seja a representação de uma pessoa. Diremos que ela é uma apresentação em busca de auto-definição. A representação só ocorre no processo em que o sujeito re-apresenta (reconstrói) a definição do outro na sua mente.

No intuito de tentar construir uma representação desejada no indivíduo, muitos *blogs* são construídos de maneira a causar, logo de início, uma afinidade visual com a identidade antes mesmo do discurso. A auto-definição de Rafael Gomes Ribeiro, em seu *blog* é um exemplo claro desta estratégia¹². Neste *blog*, podemos ver, ao abrir a página, a figura de um surfista, no meio da onda, e o resto da página com um azul de mar. A diagramação da página, voltada ao estilo de surfistas, é um dos inúmeros tipos de templates disponíveis para *blogs*. Estes dão uma figura, um estilo, e uma diagramação coerente com o tema desejado. Neste caso o surf.

¹¹ Do Latim: Amor pelo destino. Termo inicialmente utilizado por Nietzsche para mostrar a dominação social entre os dominados, onde estes aceitam sua dominação como a melhor meta a ser atingida. Neste sentido Bourdieu utiliza para retratar o sonho das mulheres em se casar, criar filhos, se identificar com o marido, etc.

¹² <http://www.rafashome.blogspot.com.br>

Os templates reduzem as liberdades para a configuração da página, mas são muito usados pela beleza e, principalmente, por dispensar os inúmeros trabalhos de programação, ajudando como facilitadores na construção desta.

Toca a uma música do Legião Urbana, tendo a foto do CD publicado logo abaixo da figura do surfista. Nas músicas prediletas estão as bandas socialmente autorizadas pelo grupo, como Nirvana, Metallica, O Rapa, etc. No que ele considera as melhores coisas a se fazer ele escreve: “Ouvir ROCK de todos os tipos, Reggae, ficar na net, jogar, falar inglês e sair com os amigos... brincar de "comandos em ação é o melhor de todos"...rsrs” A alusão ao surf neste critério, segundo o decorrer da página, se faz desnecessária. Logo na apresentação do nome, onde constam os dados da pessoa, segue uma referência: “*RAFAEL GOMES RIBEIRO...20 anos, drogado e prostituído....rsrs*”. Sátira do filme e do livro, *Eu, Christiane F., 13 anos, Drogada e Prostituída*. Segundo depoimento de Rafael, esse filme é muito usado no intuito de alertar os jovens sobre o problema do uso de drogas. Estas geralmente são associadas ao estereótipo dos surfistas. Há outras referências diretas a símbolos que remetem ao grupo social em questão. Nas músicas prediletas estão as bandas socialmente autorizadas pelo grupo, como Nirvana, Metallica, Legião Urbana, O Rapa, etc.

No *blog* constatamos, além dos textos, imagens. Estas encontram-se postadas e seguidas de comentários. Fotos de carros esportivos, importados. Alusão aos seus desejos de consumo. Velocidade e esporte, para ele, andam juntos. Justifica-se o orgulho em exibir as multas por alta velocidade, ou por direção perigosa. Junto às imagens de carros, seu diário exibe fotos de mulheres com quem teve contato. A apologia ao consumo de álcool também se faz presente.

A maior estratégia na construção da personagem são as fotos dele na praia sozinho ou jogando bola com outros surfistas. Ele faz questão de escrever seu grau de intimidade com a tribo de surfistas que ele mostra. Como as imagens produzem um grau de legitimidade maior do que o discurso em primeira pessoa, essas passam a ser freqüentemente utilizada (BOURDIEU, 1983).

“A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividades significativas: a expressão que ele transmite, e a expressão que emite” (GOFFMAN, 2003: 12)

No sentido de construção da personagem feita por Goffman ressaltamos os dois tipos de manifestações constitutivos da imagem do indivíduo. A primeira, expressão que

ele transmite, abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos. Usados de maneira deliberada, com o intuito de associar símbolos que remetam a este indivíduo. Nos sites que vimos, estas manifestações são produzidas pelos textos e pelas imagens.

Já as expressões que o indivíduo emite inclui os vários tipos de ações, que podem ser consideradas sintomáticas do autor. No caso da internet, onde a ausência do contato físico limita a manifestação deste tipo de expressão, esta passa a ser mais notada pela opção gráfica que se escolhe, pela coerência entre suas descrições e as escolhas de textos e fotos publicadas. Se, no caso do perfil do Rafael, ele manifestasse gosto por pagode isto comprometeria a legitimidade de seu perfil. As expressões emitidas podem afirmar ou comprometer a expressão que o outro faz de si.

Goffman lembra que os indivíduos muitas vezes transmitem informações falsas intencionalmente por meio destes dois tipos. A manipulação, no primeiro caso, implica em fraude, e no segundo caso, dissimulação. “... *acho que, quando um indivíduo se apresenta diante de outros, terá muitos motivos para controlar a impressão que estes recebem da situação.*” (GOFFMAN, 2003: 23). Essa tendência se acentua na internet. A desconfiança quanto às informações veiculadas virtualmente coloca em relevo a importância deste tipo de manipulação.

O processo de auto-definição em *fotolog* é mais sutil. Como não há muito espaço para a descrição pessoal, e esta só acaba se revelando em um simples link marginal, a definição acaba ficando por conta das fotos. No *fotolog* - dia após dia - há uma foto publicada pelo usuário, seguida de seus comentários ou relatos. Ao contrário do *blog* a foto acaba sendo mais importante do que o texto. No *fotolog* a identidade se define, sobretudo, pela escolha das imagens publicadas. Geralmente, há uma predominância de fotos de pessoas em detrimento das de paisagens.

Destaca-se, a título de exceção, o *fotologo* de Antônio Erivaldo¹³. Apresentado sumariamente como “casado, com 44 anos”. Por muito tempo os internautas acharam que Erivaldo era um tipo de artista, ou simplesmente um intelectual de bom gosto. Seu *fotolog* ganhou notoriedade pelas fotos publicadas. Fotos urbanas, em sua maioria. Como não há praticamente espaço para texto, as fotos eram reveladoras de suas preferências, inquietações, ânimos e humores. Objeto de reportagem, foi identificado como cobrador de ônibus. Suas fotos são tiradas, quase sempre, da janela, durante o trabalho. Ao contrário de muitos *fotologs*, não publicava fotos dele mesmo. O mundo

¹³ <http://fotolog.terra.com.br/toninho>

exibido por Erivaldo era, em certa medida, seu espelho. Este caso mostrou a dissonância entre o Erivaldo virtual e o Erivaldo cobrador de ônibus.

Os processos de auto-definição fazem parte das principais características dos mecanismos de construção identitária. Porém, eles não são os únicos processos. Há também o que os outros usuários escrevem sobre ele. Os relatos e testemunhos que dão. O processo de alteridade pelo qual se constitui o *eu*. A alo-definição.

(II) Os mecanismos identitários segundo a alo-definição

Chamamos de alo-definição as definições que os outros fazem do indivíduo, bem como os meios pelos quais restringe sua livre definição. São processos de construção da identidade que independem a auto-definição. Já mencionamos que na construção do ciberespaço, somos limitados pelos softwares usados na construção da página. Colocar certas informações em detrimento de outras, que queremos, é um mecanismo alo-definidor. A possibilidade, ou não, de colocar imagens, o tamanho destas, cores a se usar, escrever o que e aonde, e etc, são imposições de padrões que respeitam a flexibilidade do software, do servidor, da política da empresas que disponibilizam estes serviços, bem como exigências legais.

Já mostramos algumas limitações do ciberespaço na primeira parte. Porém, a outros mecanismo indiretos de alo-definição que atuam na forma de construção das identidades. Este mecanismo de coação é a socialização. Um mecanismo interiorizado ao longo da história do indivíduo na sociedade e, mais do que ensinar, adentra a apresentação que este faz de si. *Habitus*. (BARROS FILHO & LOPES, 2003). Deste modo, pode-se dizer que os indivíduos muitas vezes dispensam certos cálculos de ação ao se apresentar. Possuem a noção do que é certo dizer e fazer num primeiro encontro em detrimento do que é “estúpido”, ou “ridículo”. Alguns diriam que na internet não há limites. Que seria normal alguém se apresentar logo de início como “Rafael, drogado e prostituído”. Porém, esta ausência de limites é aparente.

A flexibilidade da rede não elimina padrões de apresentação já incorporados pelo internauta. De todos os perfis selecionados, aleatoriamente, para pesquisa, somente o de Rafael Ribeiro destoa na apresentação pessoal. Mesmo assim, ele respeita parâmetros culturais de definição e apresentação, que condiz com o grupo social a que pertence. Apesar da forma hilária de descrição ser usada por muitos usuários, e mais aceita do que na apresentação pessoal, a pessoa atrás do perfil sente a necessidade de respeitar alguns parâmetros. Em entrevistas desestruturadas, por e-mail, feita com

alguns pesquisados, eles revelam certa preocupação com o outro. Muitas vezes sedução. Esta que requer obediência a certos trâmites. Como afirma um dos pesquisados, Cléber Freitas¹⁴:

– *Jamais me apresentaria frente a frente como um cara que ama concreto armado. No Orkut sinto-me livre para dizer isto. Dá pra fazer umas palhaçadas, uns charmes... Porém, eu manero. (...) Tu sabes que por aqui rola umas azarações. Parecer retardado queima o filme né¹⁵.*

Muitos dos perfis femininos pesquisados, mesmo os mais excêntricos, também relatam esta preocupação. Ao contrário da maioria dos homens¹⁶, as mulheres que namoram, ou são casadas, e que publicam seus perfis, confessam, em entrevista aberta, que seu perfil aguarda o que elas definem como “O homem da sua vida” aparecer para “fazê-las feliz”. Quase todas as entrevistadas¹⁷ dizem que querem causar boa impressão para que o “o homem certo para vida delas” não se assuste. Estas “manifestações espontâneas”, sem estímulos para tais respostas, enriqueceram a pesquisa. Estas posições não tinham sido cogitadas nas hipóteses iniciais.

Nem todos são brincalhões com os perfis. Há muitos que estão a procura de trabalho, ou mesmo reconhecimento social pelo que fazem fora da internet. Escritores, administradores de empresas, arquitetos, etc. Muitos, profissionais da web, fazem *blogs*, *Orkut*, e até mesmo sites pessoais para se auto-promover¹⁸. As instâncias de socialização são processos de alo-definição mais comuns, porém os menos percebidos.

A identidade criada pelo processo de alteridade é o mais notório destes casos. A definição, direta ou indireta, dado pelo outro é tão importante quanto o processo de auto-definição. É o relato do outro que legitima, deslegitima, ou acrescenta qualidades ao perfil do sujeito. O processo pelo qual o sujeito avalia a ação do outro, e se manifesta, é dado pela transferência do *eu*, que tenta se colocar no lugar do outro, na tentativa de estender seus limites. A criação de si somado pela existência de terceiros.

Ora, é justamente meu corpo que percebe o corpo do outro e encontra neste como que um prolongamento milagroso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; a partir de então, como as partes familiares

¹⁴ <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=13096384030076935159>

¹⁵ Entrevista concedida por e-mail no dia 20 de março de 2005.

¹⁶ Alguns dos homens comprometidos que foram entrevistados dizem que ficam a espera de mulheres que queiram ter somente um caso. Sem envolvimento sentimental, em contraposição com as mulheres. Estes pediram para não serem identificados.

¹⁷ As entrevistadas pediram que estes relatos não fossem identificados.

¹⁸ Um exemplo disso foi o pesquisado Carlos Eduardo Moreira, encontrado no Orkut, e que possui uma página pessoal de seus trabalhos: <http://paginas.terra.com.br/arte/c.eduardo.m>

do meu corpo formam um sistema, o corpo do outro e o meu são um todo único, a frente e o verso de um mesmo fenômeno. (MERLEAU-PONTY, 1987: 406)

Nos ciberespaços estudados os softwares proporcionam campos para comentários, aonde pessoas conhecidas ou desconhecidas se manifestam. Frequentemente comentários de amigos do autor do site manifestam posições dissonantes diante da construção da personagem. Pegamos, a título de exemplo, o *blog* de Fabricio e Tiago da Silva Rezende, intitulado *Soumongol*¹⁹. Neste *blog* os usuários construíram um espaço aonde tentam criar uma identidade que remeta a sujeitos de bom humor, inteligentes e sagazes. Pessoas divertidas e de “boa pinta”. Porém, pessoas conhecidas e desconhecidas, ao verem o *blog*, fazem comentários dizendo que as piadas são ruins e ridículas. Fazem referência a dois sujeitos que são pessoas chatas e de um humor muito ruim. Desta forma, o processo de alteridade é contrária a auto-definição dos autores. Os “outros” denunciaram as estratégias discursivas construtoras de identidade como insuficientes, criticáveis, comprometendo o simulacro.

Um bom conceito para se conceituar a alo-definição, bem como a construção identitária oriunda da alteridade, são os perfis de comunidades virtuais como o *Orkut*. Nesta comunidade o perfil sofre grandes restrições impostas pelo site no que diz respeito a auto-definição. Ao contrário de *blogs* e *fotologs*, no *Orkut* o usuário não tem flexibilidade para diagramar seu próprio perfil, bem como publicar suas imagens em qualquer lugar. Não há diários, somente um mural de recados para intercomunicação.

A página principal tem uma diagramação bem restrita: a foto da pessoa a esquerda, sua auto-descição no centro, seus amigos e comunidades na direita. Para quem quiser informações extras, sobre a profissão da pessoa, ou qualidades de interesse da libido, há outras duas sub-páginas para consulta sinalizadas por ícones com o desenho de um boneco de terno, e o outro, sugestivamente, com um coração vermelho.

A questão estética não chega a ser uma preocupação menor entre os usuários do *Orkut*. As singularidades artísticas são destacadas de inúmeras formas. Muitos usuários, no campo “*quem sou eu*”, colocam poemas, escrevem suas apresentações formando um desenho, colocam letras de música, etc. Muitas vezes estas manifestações artísticas envolvem a primeira pessoa, por exemplo: *‘NÃO PRECISO ME DROGAR PARA SER UM GÊNIO; NÃO PRECISO SER GÊNIO PARA SER HUMANO; MAS PRECISO DO SEU SORRISO PARA SER FELIZ!!!’*²⁰.

¹⁹ <http://www.soumongol.blogspot.com>

²⁰ Ana Paula Saki: <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=296726394651761206>

Estas manifestações estéticas não só caracterizam quem os faz, como também quem os recebe. Mesmo que um usuário não escreva poemas, ou construa desenho com as letras, a manifestação de amigos, nos murais de recado, caracteriza o círculo de amizade que o indivíduo possui. Transfere um capital relacional que envolve estética.

Analisemos um perfil típico do *Orkut*. No de Raphaela Rodrigues²¹ encontramos ícones identitários que remetem a um tipo de personalidade. Um tipo “moleca”. Sua foto de apresentação não é qualquer foto, mas uma estilizada. Fundo escuro, roupa escura, e mão na cabeça. A primeira vista dá a impressão de um homem. A foto é coerente com o personagem que se quer construir. Além da foto publicada também há outros símbolos, como suas musicais prediletas: rock, funk (americano), músicas eletrônicas, bandas “*edu luke, misfits, social distortion, the clash, boy sets fire*” e outros esteriótipos para o perfil que ela quer construir. Seus seriados prediletos remetem a conflitos, como Big Brother Brasil, João Cléber (conhecido por apresentar discussões e conflitos), e, na mesma linha, Márcia Goldschmidt. Entre os filmes prediletos há o *Contratos*. Ao lado de Star Wars, *Ferri's bueller day off*, e *Chasing amy*, os prediletos da “molecada”, também encontramos romances como *Sweet November*, e mesmo os mais populares como *Senhor dos Anéis* e filmes da Pixar^{TM22}

O *Orkut*, em sua diagramação, trouxe uma característica aos perfis que o torna singular. Esta singularidade advém do fato de se vincular uma identidade aos demais. O indivíduo não é visto, como na maioria dos ciberespaços, isoladamente. Isolado de um mundo. De contextos sociais. No *Orkut* seus usuários são identificados não só pelas descrições, mas também pela sua rede de amigos e comunidades. Esta questão, numa análise simples e superficial, passa despercebida. Porém, este fato tem consequências estéticas e identitárias de enorme importância.

O *Orkut* traz a átona, no ciberespaço, uma nova concepção de pronome. As identidades a ela submetida, em seus perfis, não podem ser consideradas como estando em primeira pessoa do singular. Um eu que se apresenta. Muito menos ser terceira pessoa do plural. Um nós. O *Orkut* gera uma concepção bem mais complexa. Algo que faz referência a complexidade gramatical vista no Tupinambá²³, aonde se encontra uma primeira pessoa do plural (eu e ele), bem como uma forma única em que se encontra três formas do pronome “nós”, aonde há um excludente, e dois inclusivos.

²¹ <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=2582191318287724899>

²² Pixar é marca registrada da Pixar Entertainment TM & © 1986-2005. Todos os Direitos Reservados.

²³ O Tupinambá é uma língua da família do Tupi-Guarani.

Nestas duas formas inclusivas nós podemos atribuir a singularidade do *Orkut*. Estes pronomes se distinguem pela presença ou ausência de uma terceira pessoa que o falante põe em foco em seu discurso: *jané* significa “eu e você” ou “eu e vocês” ou “eu, você e outros”, ao passo que *asé* quer dizer “ele e eu e você(s)” ou “eles e eu e você(s)” (RODRIGES, 1993). Este fato ressalta a importância que se dá ao contraste entre falante e ouvinte: quando os dois agem juntos (situação de “nós inclusivo”) não há contraste entre eles, da mesma forma como também não há contraste quando só uma terceira pessoa age (“ele(s)"). Daí o uso das mesmas marcas de “pessoa”.²⁴

Como podemos perceber tanto no perfil de uma pessoa, como numa comunidade, há uma inclusão do “eu”, do “ele”, e do “vocês”, que é percebido diretamente na diagramação do perfil. Há outras identidades em uma única. Situação máxima do mecanismo de alo-definição. Não tomemos esta participação de várias identidades na definição de uma única como peculiaridade do *Orkut*. Este processo ocorre em todas as etapas da afirmação do sujeito no mundo, porém, estas passam desapercibidas. A diferença é que no *Orkut* isto passa a ser visível. Podemos observar este fenômeno no perfil de Raphaela.

Não só os amigos dela compõe seu perfil, e sua identidade. A diagramação do perfil oferece, logo abaixo dos amigos, algumas comunidades da qual ela participa. Comunidades que a definem. Cada vez que entramos no seu espaço estas revezam a apresentação. Algumas, refletem diretamente sua pessoa, bem como sua personalidade. Como sua definição encontramos a comunidade das pessoas que entraram na Universidade Mackenzie em 1999, os que moram em Alphaville, bem como as que freqüentam o restaurante Outback desta cidade, etc.

Também percebemos alguns traços da personalidade em comunidades como “Vaca Devassa”, comunidade de pessoas que apreciam os contos românticos e pornográficos, “bananaterapia”, comunidade para os apreciadores da música de Edu Luke (Funk-Jazz), “Eu não uso LEAD”, comunidade dos jornalistas que não começam seus textos com o Lead, “Tim Burton”, e “Bu! The Monsters ® *Pixel TM*”.

O último ponto de alo-definição no perfil do Orkut são os depoimentos. Quase sempre feitos por pessoas conhecidas pessoalmente. Nestes contrastamos o que foi dito no depoimento, por outra pessoa, com a auto-descrição.

²⁴ Informações do Laboratório de Línguas Indígenas da UNB: <http://www.unb.br/il/labind/original.htm>

No de Raphaela todos os que se manifestaram a conhecem pessoalmente. Alguns relatos mostram a relação de carinho que seus amigos tem por sua pessoa. Também se nota que a maioria das pessoas que falam sobre ela são homens, e que alguns deles demonstram uma relação de amizade incomum com o normal feminino. Alguns depoimentos revelam uma mulher carinhosa, outros uma mulher “durona”, “descolada”. É o grau mais legítimo de seu perfil.

Os mecanismos de alo-definição são presença obrigatória em qualquer manifestação identitária. Eles participam ativamente deste processo. Apesar de restringir a auto-definição, este aumenta o grau de legitimidade, em determinados casos, tornam a comunicação entre estas possível de ser realizada. A linha que separa as identidades concretas e virtuais representa um *continuum* ao invés de uma divisão (ANDERS, 2001). Cada vez mais os mecanismo de alo-definição participam dos ciberespaços, e pouco a pouco acabam com ideal de liberdade total trazida pela internet.

Conclusão

Percebemos, ao longo do trabalho, que a auto-definição imbrica-se com a alo-definição de maneira complexa. A constituição identitária é criada de tal forma que não sabemos com precisão aonde termina a livre manifestação do indivíduo, bem como quando esta é castrada pelos elementos alo-definidores mostrados neste artigo. Ambos, auto e alo-definição, formam um todo que compõe a identidade.

A questão estética na construção de identidades é um fator cada vez mais significativo. Meio pelo qual o usuário pode se expressar e interagir com quem se expõe, o uso de textos, imagens e da diagramação se tornará um fator cada vez mais relevante. As características desta discussão giram em torno da liberdade do usuário em se manifestar e as restrições que o software, os prestadores de serviço e a sociedade impõem. Em que medida pode haver censura de uma manifestação? A prestadora de serviço pode me impor limites de diagramação? Quais os tipos de imagens autorizados a publicar? O direito autoral existe na internet? Os textos e imagens que criamos, ou a inovação na diagramação que poderemos fazer, podem ser utilizadas por qualquer um?

Este artigo, que no seu corpo principal tratou das questões relativas a internet, da produção de identidade, e do ciberespaço. Descreveu as principais características destes fenômenos e de sua relação com o homem. Porém, nossos estudos não terminam por aqui. Há muitas perguntas sobre o tema proposto que ainda devem ser respondidas. Questões sobre este meio de comunicação que ainda não foram devidamente estudadas

e que se tornaram cada vez mais frequentes e complexas. Matéria prima para novas pesquisas, e munição para cada vez mais debates sobre o assunto.

Referências bibliográficas

ANDERS, P. (2001). *Extending Architecture Through Electronic Media in Speed*. Plymouth UK: Liquid Press

ARGAN, G. C. (1995). *Arte e Crítica de Arte*. Lisboa: Editorial Estampa.

BACCEGA, M. A. (1998). *Comunicação e Linguagem: Discurso e Ciência*. São Paulo, Ed. Moderna.

BARROS FILHO, C., & LOPES, F. (2003). O eu e seus afetos. In: Revista da Famecos, Porto Alegre, V. 1, n.º 22.

BOURDIEU, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____ (1983). *Algumas propriedades dos campos*. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero

GERBNER, G. (2002). *Against the Mainstream: The Selected Works of George Gerbner*. New York: Peter Lang Pub Inc.

GOFFMAN, E. (2003). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

_____ (1990). *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday Anchor

GOMBRICH, E. H. (1993). *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Ed. LTC.

HOBBS, T. (1979). *Leviathan ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores)

KANT, I. (1987), *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Nova Cultural, (Os Pensadores).

MERLEAU-PONTY, M. (1987) *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1987

MEUCCI, A. (2004), Ensaio sobre uma revisão crítica da história da arte. In: Elza Ajzenberg (org.), *Estética USP 70 anos*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, M. B. (1999), *Da ciência cognitiva a dialética*. São Paulo: Discurso.

RODRIGUES, A. D., (1993). Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. D.E.L.T.A. 9(1):83-103. São Paulo.

_____ (2001). *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto

WITTGENSTEIN, L. (1958). *Philosophical Investigations*, London: Basil Blackwell.

WOBER, J. M. (1978). Televised Violence and Paranoid Perception: The View From Great Britain. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 42, N.º 3, Oxford University Press, Autumn.